

REVITALIZAÇÃO DE MANIFESTAÇÕES DA CULTURA  
POPULAR NA REGIÃO LITORÂNEA DO  
RIO GRANDE DO SUL:  
O CASO DA COMUNIDADE DO ESTREITO,  
SÃO JOSÉ DO NORTE - RS

*REVITALIZATION OF POPULAR CULTURE EXPRESSIONS IN  
THE COASTAL REGION OF RIO GRANDE DO SUL:  
THE CASE OF THE COMMUNITY OF ESTREITO, SÃO JOSÉ DO NORTE,  
RIO GRANDE DO SUL*

Daniel Godoy<sup>1</sup>  
Fernando Almeida Costamilan<sup>2</sup>

**RESUMO**

A presente comunicação científica traz três casos de revitalização de manifestações típicas da Cultura Popular na região litorânea do Rio Grande do Sul sendo elas: a) Bandeiras do Divino Espírito Santo; b) Cantorias de Ternos; c) Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário. As revitalizações foram resultados de pesquisa-ações do Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte (IHGSJN) por meio do Museu da entidade e junto à Comunidade do Estreito, localizada no interior do município de São José do Norte, RS. Neste artigo são expostas as dimensões epistemológicas e de métodos adotados para promover um processo de revitalização de manifestações culturais adormecidas. A partir de reflexões sobre as experiências vividas e do relato dos casos, é realizada uma análise reflexiva das conversas com a Comunidade e da produção de discursos institucionais gerados ao longo do processo de investigação e ação promovido pelo Museu do IHGSJN. Isso possibilitou perceber e apontar processos de produção de conhecimento social que articulam diferentes tipos de memórias.

**Palavras-chaves:** Cultura Popular. Referências Culturais. Memória Social. Memória Coletiva. Memória Cultural.

**ABSTRACT**

*This scientific communication brings three cases of revitalization of typical manifestations of popular culture in the coastal region of Rio Grande do Sul and includes: a) Bandeiras do Divino Espírito Santo (flags of the Divine Holy Spirit); b) Cantorias de Ternos (group chantings); c) Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário (flags of Our Lady of the Rosary). The revitalizations were outcomes of Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte's (IHGSJN) research-actions through the entity's Museum and within the Community of Estreito,*

---

1   Doutorando junto ao POSGEA-UFRGS. Mestre em Educação. Geógrafo. Pesquisador residente junto ao Museu do IHGSJN.

2   Diretor e pesquisador do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte (IHGSJN).

located inside the city of São José do Norte, Brazil. This paper exposed the epistemological dimensions and methods adopted to promote a revitalization process of dormant cultural expressions. From reflections on the experiences and cases report, it is performed a reflective analysis of the conversations with the Community and of the production of institutional discourses generated throughout the research and action process promoted by the IHGSJN's Museum. This made it possible to perceive and to point out social knowledge production processes that articulate different types of memories.

**Keywords:** Popular Culture. Cultural references. Social memory. Collective memory. Cultural memory.

## INTRODUÇÃO

O presente texto relata as práticas de pesquisa e metodologia de pesquisa-ação com memória social, desenvolvidas pelo Museu do Instituto Histórico Geográfico de São José do Norte junto a Comunidade do Estreito. Como resultado foram revitalizadas manifestações típicas da Cultura Popular gaúcha. As práticas culturais revitalizadas se encontravam adormecidas no município de São José do Norte mas, estavam vivas na memória social. Com as revitalizações, as manifestações passaram então a fazer parte de uma memória cultural mais ampla, tornando-se, parte de imaginário social regional em uma escala geográfica maior, devido à visibilidade social dada à Comunicação Cultural via imprensa e mídias feitas a partir do Museu. As manifestações culturais revitalizadas foram: a) as Bandeiras do Divino Espírito Santo<sup>3</sup>; b) as Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário<sup>4</sup>; c) e as Cantorias de Ternos Juninos<sup>5</sup>.

Em questão de método e metodologia, a linha de pesquisa promovida pelo Museu do IHGSJN tem sido cunhada em uma tradição<sup>6</sup> *híbrida*<sup>7</sup> por

3 Manifestação típica da Cultura Popular brasileira relacionada ao ciclo de celebrações do Divino Espírito Santo.

4 As Bandeiras do Rosário é uma manifestação análoga às Bandeiras do Divino, o correr das Bandeiras tem a função de levar a benção e presença do Divino e de Nossa Senhora do Rosário às moradas, servindo também a coleta de doações para a realização da Festa do Divino e da Festa de Nossa Senhora do Rosário, ambas as festas realizadas no dia 13 de maio. Por tradição na localidade do Estreito em São José do Norte, as Bandeiras do Rosário corriam “pra cima”, para as Comunidades do Divisa e Gravatá, típicas Comunidades Quilombolas.

5 As Cantorias de Ternos Juninos são manifestações culturais análogas às Folias de Reis de outras regiões do Brasil. Todavia, são folias voltadas aos Santos Juninos e realizadas no inverno. São manifestações culturais típicas da região litorânea do Rio Grande do Sul.

6 O conceito de tradição é entendido aqui como “[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas; de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. (HOBBSAWM, 1997, p. 9).

7 O conceito de hibridismos utilizado é o de Canclini (1997), entendido hibridismo como um

meio de uma abordagem a qual podemos chamar de “diálogos de saberes” (LEFF, 2002), por articular contribuições de pesquisadores não acadêmicos envolvidos há mais de 30 anos com estudos e investigações sobre a Cultura Popular. Somando de forma crítica contribuições do Movimento Folclórico, com as contribuições dos estudos da memória social advindas de campos científicos como os das Ciências Sociais, História, Psicologia Social e Geografia Cultural, adotando a “pesquisa-ação” como método (FRANCO, 2005; BARBIER, 2007; THIOLENT, 2011).

O problema de investigação e os resultados aqui relatados iniciaram-se em 2004, quando os pesquisadores Fernando Costamilan, Luiz Agnelo Chaves e João Carlos D’Avila Paixão Côrtes identificaram na Comunidade do Estreito em São José do Norte e na rede de Comunidades Tradicionais e Quilombolas da região litorânea do Rio Grande do Sul, um manancial de memórias coletivas vivas e práticas culturais típicas da Cultura Popular rio-grandense. Foram reconhecidas complexas memórias em adormecimento, compostas por lembranças fragmentadas e às vezes lembranças insólitas. Os pesquisadores identificaram, então, uma necessidade de intervenção de pesquisa-ação, com o objetivo de revitalização das memórias sociais e promover, a partir do protagonismo comunitário e das vivências com as comunidades, processos de revitalização de memórias e práticas culturais ancestrais adormecidas.

## **1 O Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte - IHGSJN**

A criação do Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte (IHSGJN) aconteceu no ano de 2000, num contexto marcado pela emergência de novas políticas culturais e diretrizes para fins de salvaguarda de patrimônios culturais em escala mundial e nacional. Os discursos públicos da entidade em rádio<sup>8</sup>, televisão e jornais, desde sua fundação, apontam para as questões de identidade e a importância da preservação da memória, assim como vem chamando a atenção para as diferenças identitárias

---

paradigma cultural caracterizado pela mesclas de matizes de significação cultural, sistemas de valores e de representações. Nesse sentido identificamos elementos de um hibridismo entre matizes culturais africanas e matizes culturais ibero-açorianas. Uma das expressões dessas mesclas culturais podem ser percebidas na afro-açorianidade características das Comunidades Tradicionais do litoral do Rio Grande do Sul, características preservadas na paisagem cultural e em modos de vida tradicionais nos municípios de Mostardas, Tavares e São José do Norte.

8 O Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte foi agente promotor do Programa No Compasso da Cultura veiculado em sistema AM entre 2006 e 2011. Bem como o Programa São José do Norte em Destaque veiculado em sistema AM com programas realizados ao vivo no Museu do IHSGJN em 2013 e 2014.

típicas de uma cultura litorânea no Rio Grande do Sul.

O IHGSJN foi inicialmente ancorado por seus sócios fundadores num imaginário do século XIX e na tradição de institutos de pesquisa em História e Geografia, que tem como marco e referência o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB criado em 1838. Serpa (1996, p.64) nos chama a atenção para o fato de que o grupo fundador do IHGB não se constituía “numa elite com forte poder econômico, status e poder”, apesar de que “alguns membros faziam um discurso compatível com os interesses do governo imperial”. De maneira, que se tinha como projeto institucional, a promoção da produção de conhecimento no Brasil e de uma identidade nacional.

## 2 A Rede de Comunidades Tradicionais e Quilombolas de São José do Norte

Na Figura 1 é possível localizar a rede de Comunidades Tradicionais no município de São José do Norte. A articulação e o fluxo entre as comunidades têm por motivação, além dos laços familiares e territoriais, três temporalidades anuais que marcam a vida nas comunidades: o tempo de celebrações das festas dos padroeiros; os tempos da pesca; e o tempo das fases do cultivo da cebola. Tais temporalidades são momentos da vida cotidiana dessas comunidades em que os movimentos territoriais entre as comunidades mais acontecem. O tempo de celebração, o tempo de pescar e o tempo de cultivar colher e vender da cebola, são marcadores das territorialidades e do tempo social dessa rede de Comunidades Tradicionais.



**Figura 1.** Localização das Comunidades Tradicionais de São José do Norte  
**Fonte:** SMMA, Plano Municipal de Meio Ambiente de São José do Norte, 2009

A partir desse reconhecimento de temporalidades e territorialidades, com o devido mapeamento de mestres da Cultura Popular e das Comunidades em que a memória se mantém mais viva, como os casos da Comunidade do Estreito, Comunidade do Divisa, Comunidade do Gravatá e Comunidade do Capão do Meio. Deu-se início a uma série de pesquisas -ações, que e uma primeira fase da investigação, foi o realizar sucessivas visitas e promoção de encontros de conversas no salão paroquial da Comunidade Nossa Senhora da Conceição do Estreito.

### **3 Contribuições de diferentes tradições de conhecimento, pesquisa e ação política**

De 2004 a 2010 as ações realizadas seguiram a tradição de pesquisa e ação do Movimento Folclórico Gaúcho, seguindo então as orientações de João Carlos D'Avila Paixão Côrtes e de Luiz Agnelo Chaves. A partir de 2011, com a implantação do Ponto de Cultura Freguesias Litorâneas junto ao Museu do IHGSJN, foram adotados os referenciais teóricos utilizados pelo IPHAN para dar conta das questões culturais, que envolvem a memória e as dimensões materiais e imateriais da cultura. Nesse processo histórico institucional de diálogos entre saberes e tradições de conhecimento e ação social, o conceito de “referência cultural”, se tornou o conceito chave das pesquisas e ponte para a ação política do IHGSJN.

A partir de 2011, no Museu do IHGSJN passou a se considerar, então, os estudos sobre os marcos da política cultural no Brasil, relacionadas às políticas de patrimônio cultural, tomando por fundamento de reflexões, questões de política cultural, como as quais Fonseca (2000) relata que emergiram nos meados da década de 1970, por meio dos critérios adotados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para a construção de uma política cultural nacional. O debate sobre as relações sociais que geram cultura passou a ser objeto de “reavaliações sistemáticas”, suscitando uma discussão que levou à proposta de uma “nova perspectiva para a preservação de bens culturais” e a um conceito de patrimônio cultural que foi introduzido na Constituição Brasileira com o Art. 216:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

O debate em torno do conceito de referência cultural envolveu discussões advindas de várias áreas dos saberes além da Antropologia, houve contribuições da virada linguística, dos estudos sobre a linguagem e a análise do discurso (NOGUEIRA, 2008). A interpretação de Fonseca (2000 p.11) sobre a construção da política cultural brasileira, nos permite perceber que com a introdução no “vocabulário das políticas culturais”, da noção de “referência cultural”, foram levantadas questões que, até então, “não preocupavam aqueles que formulavam e implementavam as políticas de patrimônio cultural”. Podemos acrescentar que, como nos outros campos das Ciências Humanas e da Filosofia contemporânea, as tensões fundamentais foram os questionamentos das relações de poder e o caráter das legitimidades.

Para Fonseca (2000 p.11) os questionamentos sobre “quem tem legitimidade para selecionar o que deve ser preservado, a partir de que valores, em nome de que acompanhamento e análise” permitiu a Sociedade problematizar a dimensão social e política da cultura e da memória, questionando profundamente a legitimidade de uma atividade profissional emergente do século XX no Brasil. Segundo a autora, as práticas profissionais e do Estado para com a memória, tendem a ser vistas como eminentemente técnica. Este debate promoveu, então, uma desconstrução de representações e de abordagens sobre a memória e a cultura. O patrimônio cultural se tornou um conceito utilizado para se questionar as legitimidades e os valores dados aos grandes monumentos, aos testemunhos da história oficial, sendo estes uma produção cultural, sobretudo das elites, que neles se reconhecem e se identificam.

Diante dessa tensão do debate social emergente, as manifestações culturais de outros grupos sociais que compõem a sociedade brasileira como os índios, os negros, os imigrantes, as classes populares em geral e as Comunidades Tradicionais e Quilombolas começam a ganhar visibilidade social, reconhecimento a partir das políticas culturais do Estado. Nessa conjuntura, quando falamos em “referências culturais”, pressupomos “sujeitos para os quais essas referências façam sentido” (FONSECA, 2000 p.11)

A expressão referência cultural passa a ser utilizada, com base em

abordagens antropológicas de cultura, todavia categorias geográficas também são articuladas como, por exemplo, os conceitos de lugar, território, marcas territoriais, paisagem cultural, escala, temporalidades e espaço geográfico. É produzindo uma linguagem política para se falar sobre cultura e memória. Ao ponto que quando falamos em referências culturais, direcionamos o perceber para as “representações que configuram uma identidade da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos fazeres e saberes, às crenças, hábitos, etc.” (FONSECA, 2000 p. 113).

Ao se adotar o conceito de referência cultural na lida da pesquisa-ação do Museu do IHGSJN, foi possível um melhor entender das representações que configuram a identidade da região litorânea do Rio Grande do Sul e a sua paisagem cultural típica, de modo a perceber junto a seus habitantes, as relações entre a paisagem natural, a paisagem produzida pela ação e trabalho humana e a memória coletiva. Essas relações foram observadas como uma construção social direcionada por forças de diferentes pontos de referências que estruturam as memórias individuais e coletivas e que inserem elementos na memória da coletividade<sup>9</sup>.

#### **4 Marcos conceituais e de método das pesquisas do Museu do IHGSJN a partir de 2010**

Ao fazer um estudo sobre a genealogia dos estudos folclóricos e da Cultura Popular, De Cáscia Frade (2004 p.40) percebe que a partir de estudiosos da Idade Média no século XVIII e início do XIX, ocorre uma descoberta da “cultura popular”, definida por oposição à “cultura erudita” (EAGLETON, 2005). Para De Cáscia Frade (2004 p.40) o movimento que se segue ao longo do século XX trava um conflito entre “cultura legitimada” e “cultura popular” estabelecido a partir de três critérios: a) status de verdade; b) racionalidade; c) convenção social. O debate social em torno do tema cultura vem problematizando a verdade, a racionalidade e o estabelecimento de convenções sociais, como territórios e campos da “biopolítica” e da “micropolítica” no processo de consolidação do Estado-nação, com fins de normalizar e normatizar os modos de ser, viver, pensar e existir legítimos para as sociedades civis e religiosas (FOUCAULT, 1991; 2014).

A partir deste ponto de referência política e histórica sobre o conceito de cultura e sua relação com o Estado e a Sociedade. O método de investigação pelo Museu do IHGSJN partiu da tese que o “Movimento Fol-

---

9 Aqui não vamos discorrer sobre as construções dos conceitos operativos para o estudo da cultura e da memória do Brasil, detalhes podem ser encontrados em Dobedei (2013).

clórico” no Brasil teve por uma de suas tradições de pesquisa, a pesquisa-ação ou investigação-ação, desde as primeiras décadas do século XX<sup>10</sup>. Bem como utilizou elementos de pesquisa e reflexão empírica, as quais foram adotadas pela fenomenologia junto as Ciências Humanas.

A reflexão epistemológica em prol da adoção da pesquisa-ação teve por base o reconhecimento crítico das pesquisas e estudos do Movimento Folclórico Brasileiro e da Ciência do Folclore, tradição de pesquisa a qual foi referência para a fundação do Museu do IHGSJN e para os interesses de pesquisa promovidos. De maneira, que foi reconhecido estratégias de conhecimento que exigem considerar além da dimensão histórica e política, a existência de uma tradição de pesquisa prática emergente do século XIX e que se mantém em muitas áreas das Ciências Humanas.

Quando tomamos uma conceituação mais contemporânea de pesquisa-ação, apesar de muitos entendimentos sobre esse método de pesquisa, podemos entender que a partir de Tripp (2005 p. 463), existem diferentes formas de pesquisa-ação e estas são caracterizadas pelo pesquisar, feito com espírito prático, que impele uma ação prática a qual é “adaptada às exigências formais de trabalhos acadêmicos”. Nessa linha de pensamento e abordagem, entendemos que o método da pesquisa-ação, não deixa de ser sujeito às críticas das mais diversas naturezas e a limitações.

**Diagrama 1:** Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



**Figura 2.** Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.

**Fonte:** Tripp (2005 p. 456)

<sup>10</sup> Os campos (os campos) da pesquisa em Folclore no Brasil podem ser analisados em seu processo de constituição e atualidade a partir dos Anais dos Congressos Brasileiros de Folclore, como por exemplo, foi feito por De Castro Calvacanti (1990) que percebe conflitos da Ciência do Folclore com a Sociologia e a Antropologia, apesar de compartilharem metodologias comuns.

A pesquisa-ação é válida como uma variedade de investigação social na qual se empregam técnicas de pesquisa com características bem definidas que permitem enfrentar a crítica dos pares e contribuir para com estes, por meio da informação das ações de planejamento, estratégias de investigação, e a avaliação das práticas de pesquisa. O que possibilita, informar o conhecimento construído e os resultados para a sociedade. Nesse sentido, o discurso produzido se torna uma ponte para além de seu status de verdade, por criar um status de questionamento, dúvidas, incertezas e de problematizações políticas, técnicas e ideológicas sobre o próprio discurso proferido e sobre o objeto de pesquisa.

No esquema feito por Tripp (2005); na Figura 2, podemos perceber uma razão de intervenção como dimensão motriz essencial a uma pesquisa-ação, ou seja, a ação transformadora é um objetivo a ser alcançado, diante de determinadas estratégias de pesquisa. No caso das pesquisas realizadas pelo Museu do IHGSJN, os objetivos das investigações foram a promoção da revitalização de manifestações da Cultura Popular das Comunidades Tradicionais da região litorânea do Rio Grande do Sul, as quais estavam vivas na memória coletiva da Comunidade do Estreito. Para tanto, o Museu incentivou ações de caráter de memória e de articulação comunitária, agindo como mediador entre o objetivo institucional de pesquisa e as necessidades identificadas a partir do diálogo cotidiano com as comunidades.

Na fase de análise final de análise dos processos de pesquisa e na etapa da escrita de comunicações nos deparamos com o uso de diferentes conceitos e categorias relacionadas a memória, uma vez que existe uma grande polissemia para o termo memória. Nesse sentido, identificamos em registros de conversas com a Comunidade do Estreito, o que a partir de Motta (2014) percebemos como diferentes memórias e de campos de amnésia social.

As contribuições de Motta (2014) para o presente relato e análise traz para a reflexão, a questão da existência da memória individual, se remetendo as lembranças que as pessoas recordam no sentido literal e físico. Todavia, a autora chama nossa atenção para perceber que as memórias quando saem da esfera da individualidade, ganham sentido e significado coletivo. Quando as recordações podem ser conectadas enquanto construção de grupos sociais, a (re)memoração gera ação, se torna uma ação e fato social. A partir do momento que duas ou mais pessoas passam a falar e ouvir lembranças em processos dialógicos, estamos diante de memórias que não cabem mais a análise individual. Explica Motta (2014) a partir de Michel Pollack (1992) que entre os elementos constitutivos da memória coletiva estão:

**a)** os acontecimentos vividos pessoalmente; **b)** os vividos “por tabela”, ou seja, as possibilidades abertas pelo fenômeno de projeção ou de identificação tão forte com um passado, que pessoas que não o viveram se sentem co-participantes e sujeitos deste mesmo passado; **c)** o fato de que a memória é constituída por personagens; **d)** os lugares da memória, onde são realizados os atos de rememoração/comemoração (POLLACK, 1992, p. 201) (MOTTA, 2014 p.1985).

Portanto, o conceito de “memória coletiva” de Halbwachs e Sidou (2006), utilizado para explicar as construções de memórias e identidades em grupos a partir de suas relações internas e das relações com as representações e imaginários circulantes em escala nacional. É aqui recontextualizado em sua escala espacial e delimitação de uso específico, para se referir não mais à relação grupo e identidade nacional, mas às relações internas de comunicação utilizadas por uma Comunidade, onde os fluxos de memória são continuamente construídos diante dos acontecimentos vividos. Tais memórias de um vivido passado são ancoradas em representações construídas nas relações sociais locais e comunitárias, as quais se tornam os substratos das identidades e diferenças locais, forjadoras de referências culturais no tempo e no lugar.

Logo, o viver e o lembrar coletivamente do vivido passado, se tornam os elementos chaves para a delimitação do conceito de memória coletiva, aqui construído a partir das vivências e observações com a Comunidade do Estreito, utilizado para fins de um melhor entendimento dos processos de revitalização de manifestações culturais da Cultura Popular adormecidas investigadas. O conceito de memória coletiva adotado é ancorado para fins de análise das vivências e atividades de revitalizações das manifestações culturais aqui abordadas, no conceito de lugar, de espaço vivido e nas representações sociais.

A partir dessas categorias, é que podemos perceber a importância dos momentos de conversas em que foi tensionado outros dois tipos de memória, para sermos mais precisos identificamos das memórias do lugar, e das lembranças dos espaços e tempos vivido, uma “memória popular”, que segundo Peralta (2007 p.11) é um conceito que emerge do estudo da memória social e faz emergir na memória social de um grupo questões mais complexas do que as generalizações possíveis do conceito de “memória coletiva” de Halbwachs e Sidou (2006). Por que, para Peralta (2007) a abordagem da “memória popular” nasce de estudos e observações posteriores sobre a memória social, que contribuem com a possibilidade de confrontação das “versões do passado” construídas pelas ideologias dominantes que hege-

monizam a produção das representações oficiais do passado.

O terceiro conceito chave adotado, para apoio a análise do discurso público posto em circulação da imprensa e mídias pelo Museu do IHGSJN, é o conceito de “memória cultural”, utilizado por Assmann (2011) com a finalidade de ir além das limitações do conceito de memória coletiva e das limitações escalares em espaço e tempo do conceito de “memória popular” que se refere as memórias com invocações de um passado mais recente na escala do tempo vivido e de ancestralidades diretas das pessoas.

O conceito de memória cultural se diferencia dos conceitos de memória coletiva, memória social e memória popular devido a sua escala de tempo e espaço. A memória cultural faz pontes entre o passado remoto e o presente, invoca as memórias de outros lugares e traz para o discurso imaginários e narrativas, concepções de tempo e espaços mais largos. Indo além das escalas de tempo e espaço do vivido, das relações entre grupos e comunidades. O conceito de memória cultural de Assmann (2001) adota um olhar relativo ao estudo ou à compreensão de um fato ou de um conjunto de fatos relacionados a uma memória em sua evolução no tempo e no espaço.

Observamos que a memória produzida no discurso institucional do Museu do IHGSJN sobre as manifestações típicas da Cultura Popular da região litorânea do Rio Grande do Sul sofreu transformações desde sua fundação. Tendo como principal registro, as publicações de matérias na imprensa local. A análise desse material permitiu perceber que diante de um processo de transformação do discurso institucional adotando uma linguagem de política cultural, foi produzida uma memória social, compartilhada por meio da rádio comunicação, redes sociais e da imprensa, diferente da memória coletiva e da memória popular das Comunidades. A memória produzida pelo Museu do IHGSJN gerou enunciados, os quais fazem alusão às influências da Cultura Afro, Cultura Açoriana e Cultura Ibérica, utilizando referências temporais e espaciais de outras escalas geográficas e de tempo histórico para além dos lugares do vivido.

O Museu do IHGSJN ao produzir discursos públicos por meio de releases, editoriais para imprensa<sup>11</sup> e falas em rádio sobre as manifestações da Cultura Popular e sobre as Comunidades Tradicionais e Quilombolas da região litorânea do Rio Grande do Sul. Representou em seus enunciados uma representação de região ancorada no signo litoral, e as manifestações como fenômenos culturais os quais têm origens em tempos e lugares mais

---

11 Diversos textos foram enviados para publicação junto ao Jornal Agora, o qual tem circulação nos municípios de São José do Norte e Rio Grande, bem como disponibiliza a maior parte dos conteúdos públicos via internet no site < [www.jornalagora.com.br](http://www.jornalagora.com.br) >.

remotos que a escala do lugar. As origens europeias dos ritos, as influências lusitanas e açorianas são invocadas, as influências da cultura afro emergem no discurso do Museu do IHGSJN, falando em cultura afro-açoriana, bem como as comparações com outros lugares do país e do mundo, onde existem manifestações da Cultura Popular análogas.

Diante de um universo de fluxo de diferentes formas de memoriais sociais, percebemos um fluxo de conflitos entre memórias. Um exemplo desse tensionamento identificado é a relação entre memória coletiva e a popular, presente nas conversas em que emergiram memórias sobre a divisão de salões de bailes nas celebrações aos Santos Padroeiros. No interior de São José do Norte, na localidade do Estreito, a Comunidade local conta que até a década de 1970 era um espaço de baile para brancos e outro para negros. Ao longo ainda da década de 1980 as comunidades narram que essa realidade foi se transformando e a divisão deixa de ser em dois espaços distintos, para ser um único espaço.

A respeito do espaço do baile das festas dos padroeiros, ouvimos nas rodas de conversas realizadas ao longo da pesquisa o lembrar que, apesar de abrigar negros e brancos no mesmo espaço social, tinha uma corda que dividia os salões na metade, uma parte para os brancos e outra para os negros. Nas rodas de conversas, geralmente em dias de festa aos Santos Padroeiros, emergiram junto aos moradores da Comunidade do Estreito lembranças que a corda foi cortada por volta do ano de 1996 pelo Sr. Zé Carneiro e pelo Sr. Mainho, no baile da Festa de Rosário em 13 de maio, e que, depois disso, então que se passou a ter bailes misturados.

Mediante uma escuta atenta das vozes da Comunidade, foi possível identificar que entre os fatores do adormecimento de muitas práticas culturais, estavam os conflitos endógenos de uma cultura de matizes afro açoriana, que se construiu desde suas origens por tensionamentos culturais étnicos, raciais, e políticos entre negros e brancos, entre catolicismo institucional e o catolicismo popular. No caso da Comunidade do Estreito, a Irmandade do Rosário do Estreito foi abrigo para sincretismos, instituição de proteção e organização social, consolidada historicamente, como uma guardiã de tradições, memórias e saberes afro. Apesar de termos encontrado memórias e lembranças sobre a Irmandade do Rosário do Estreito, esta se encontra atualmente adormecida, diferente do caso das Irmandades do Rosário de Tavares, Rincão e Mostardas.

Portanto, a construção conceitual utilizada permitiu distinguir diferenças entre o significado de história e de memórias. As diferenças puderam ser estabelecidas, em virtude da descontinuidade da história, pois ela é, ao mesmo tempo, registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão (NORA, 1993, p. 9).

## 5 Procedimentos metodológicos

O esquema da Figura 2 representa a metodologia de pesquisa utilizada, em uma primeira etapa foi feito o reconhecimento e mapeamento dos guardiães da memória das comunidades locais, identificando pessoas que guardam preservadas memórias coletivas, pessoas que são contadores espontâneos de histórias no dia a dia, lideranças de comunidades, anciãos, articuladores de associações comunitárias, etc. Uma gama diversa de pessoas da área rural e urbana de São José do Norte foram sendo identificadas e reconhecidas como guardiães de memórias.

A metodologia de pesquisa-ação, sistematizada pelo Museu do IHGSJN para fins de revitalização de manifestações típicas da Cultura Popular local, pode ser resumida em quatro dimensões cíclicas básicas: 1) mapeamento territorial da memória coletiva por meio de visitas, da colaboração das comunidades e ativa participação dos pesquisadores nas festas do ciclo anual das celebrações dos Santos Padroeiros, criando uma relação de pertencimento com as comunidades pesquisadas; 2) ações em prol da memória social e acolhimento às visitas da comunidade ao Museu do IHGSJN, localizado no Centro Histórico de São José do Norte; 3) comunicação radiofônica, ampliando as potencialidades da pesquisa-ação e promovendo contatos e comunicação com toda a rede de comunidades localizadas na Figura 1.<sup>12</sup>; 4) promoção de encontros de conversas no salão comunitário da Comunidade Nossa Senhora da Conceição do Estreito, comunidade identificada com o maior grau de organização comunitária, gerando um processo de reconhecimento social de referências culturais em escala regional.

## 6 Revitalização de manifestações da Cultura Popular adormecidas em São José do Norte<sup>13</sup>

Nesta seção, apresentaremos um relatório analítico a fim de relatar as contribuições das pesquisas do Museu do IHGSJN para a Cultura Popular brasileira e para os estudos sobre a memória social. A partir da operação dos conceitos de memória coletiva, memória popular e memória cultural, articuladas pelo conceito de referência cultural. Trazemos aqui um relato das experiências vividas e de aprendizagens adquiridas ao longo das caminhadas e processos de pesquisa, com uma análise reflexiva sobre a produção discursiva gerada.

---

12 O IHGSJN apoiou a produção de dois programas radiofônicos veiculadas via sistema AM, o programa No Compasso da Cultura e o Programa São José do Norte em Destaque, apresentado pelo comunicador Cláudio Taroco, diretor do Museu do IHGSJN.

13 Não é escopo dessa comunicação o detalhamento de práticas culturais e representações que envolve cada manifestação.

As revitalizações promovidas por meio da pesquisa-ação que tiveram início em 2004, alcançando a revitalização das **Bandeiras do Divino Espírito Santo** junto à Comunidade do Estreito no ano de 2006. A revitalização das **Cantorias de Ternos Juninos** se deu a partir de pesquisa-ação iniciada em 2004, com a participação de grupos de cantadores no programa radiofônico No Compasso da Cultura e da promoção de Encontros de Cantorias promovidos pelas Comunidades, com destaque para a Comunidade da Barra e Comunidade do Estreito. A revitalização das **Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário** teve início em 2004, alcançando o resultado de revitalização em 2013 com o apoio do Ponto de Cultura Freguesias Litorâneas – IHGSJN/FURG/MINC.



**Figura 3.** Revitalização e Saída das Bandeiras do Divino em abril de 2006

**Fonte:** Arquivo do Museu do IHGSJN. Fotografia: Fernando Parracho Costamilan

Nos encontros de conversas realizados para fins de revitalização das Bandeiras do Divino e das Bandeiras do Rosário, percebemos que foi comum o confronto de testemunhos, muitas narrativas eram completadas com representações imaginárias que, por vezes, ocorrendo confrontos com as memórias de outras pessoas em um processo contínuo de lembranças, conversas e discussões. Foi possível entender, por meio de uma escuta atenta, que em especial as lideranças comunitárias tinham um especial interesse em promover ações de memória, de tal modo que foram pessoas que se destacaram em diferentes momentos e atividades ao longo dos processos de revitalizações. Os encontros também permitiram identificar uma tensão nas discussões e discursos sobre a busca de uma memória considerada como verdadeira por parte dos atores das comunidades.

Em conjunto com atores da Comunidade as estratégias de revitalização das Cantorias de Ternos Juninos, se pautaram em promover celebrações de Cantorias, com destaque para a atuação do Grupo de Cantoria de Terno Os Nortenses. Os Encontros se tornaram eventos que reuniram diferentes grupos adormecidos, promovendo a transmissão das práticas musicais, a reorganização de novos grupos e a valorização das Cantorias de Ternos junto as comunidades e jovens.



**Figura 4.** Encontro de Revitalização dos Ternos de São José do Norte, Comunidade do Estreito

**Fonte:** Arquivo do Museu do IHGSJN



**Figura 5.** Cantoria de Terno Ao Vivo no Programa No Compasso da Cultura

**Fonte:** Arquivo do Museu do IHGSJN

Ao analisar o processo das revitalizações percebemos que a Comunidade do Estreito buscou memórias, as quais fossem condizentes com as experiências vividas pela comunidade no passado, se deparando com suas referências culturais, com seus respectivos imaginários e lembranças pre-

servadas e rememoráveis. As memórias suscitadas centraram-se em narrativas do final da década de 1960, tendo foco principal a de 1970. Momento o qual as comunidades identificaram como o início do adormecimento das manifestações relacionadas ao Culto ao Divino Espírito Santo e à Irmandade do Rosário do Estreito, pois, segundo contam os moradores, as pessoas não queriam mais sair com as Bandeiras e poucos passaram a se envolver com a organização das Festas. Mas, nessa época também rememora que os Ternos começaram a diminuir.

Entre os Cantadores de Terno as memórias do adormecimento das Cantorias possuem lembranças que se deu em especial a partir da década de 1980, quando os grupos começam a se desestruturar por falta de pessoas que participassem deles. Destacam que passou a ocorrer a falta de gaiteiros que soubessem as toadas de cada Terno e depois a falta de mestres para guardar e criar as toadas típicas. O analisar dos relatos, permitiram perceber que é na década de 1980, que ocorreu o início das atividades de trabalho na silvicultura, há por consequência uma proletarização dos trabalhadores rurais de uma agricultura tradicional em São José do Norte. Uma nova “formação social e econômica” (M. SANTOS, 1978) contribui para que as Festas que duravam uma semana de celebrações, passassem para apenas dois dias. Também, afetando o tempo livre da Comunidade, uma vez que foi comum o trabalho na silvicultura e também na produção de cebola e cuidados com a chácara.



**Figura 6.** Corrida de Revitalização das Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, 2013

**Fonte:** Arquivo do Museu do IHSGJN.

**Foto:** Daniel Godoy

Em 2004, com o início das pesquisas-ações, com finalidade de promover revitalizações de manifestações da Cultura Popular adormecidas junto às Comunidades Tradicionais de São José do Norte, emergiram memórias sobre as Bandeiras do Divino e sobre as Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário. Todavia, diante do interesse das próprias comunidades na época, as forças coletivas mobilizadas no momento foram direcionadas para a revitalização das Bandeiras do Divino no Estreito.

Desde então, em muitas oportunidades, foi possível perceber que, quando se iniciavam conversas sobre as Bandeiras do Rosário, havia um universo de memórias que vinha à tona, mas, muitas vezes, suprimido nas discussões por pessoas, que não tinham vínculos de memória, de identidade e ancestralidade com a Irmandade do Rosário local, tal como tinham vínculos e referências com as Bandeiras do Divino.

As Comunidades compartilhavam um sentimento de estar sem história, com suas memórias muito fragmentadas e diante de uma intensa perda de referências culturais, após o forte êxodo rural ocorrido na década de 1980 e 1990, fase em que o município passa a ter a maior parte de sua população na área urbana e um crescente esvaziamento do campo. Os processos de rememorações desencadeados pela busca de autoconhecimento comunitário e memórias para fins de revitalização das Bandeiras do Divino e de Nossa Senhora do Rosário permitiu-nos presenciar as tensões endógenas da rede de Comunidades e as buscas de cada Comunidade pelo recuperar e preservar suas próprias memórias. O que gerou a reivindicação das outras Comunidades Tradicionais como Saraiva e São Caetano para que as Bandeiras visitem estas comunidades também.

Neste processo de memórias e territorialidades das Bandeiras do Divino do Estreito, foi possível identificar uma tensão sociocultural entre Comunidades Tradicionais de matriz luso-açorianas e Comunidades Quilombolas de matiz africana. Tensões de longa data que podemos perceber entre as Comunidades do Estreito e a Comunidade de Bujuru (antigas freguesias litorâneas), por exemplo. Contudo, ficou mais evidente o tensionamento sobre a importância de, em um primeiro momento, revitalizar as Bandeiras do Divino Espírito Santo. A revitalização das Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário teve início retomada em 2013 por sugestão e pedido do Sr. Nininho do Gravatá, em visita ao Museu do IHGSJN. Depois por compreendermos que a Bandeira do Divino por tradição saía da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Estreito e corria para sul, e as Bandeiras do Rosário e dos Santos Morenos (Aparecida e São Benedito) para norte. Percebemos a existência distintas territorialidades e o hibridismo entre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Festa do Divino em São José do Norte e na

região litorânea do Rio Grande do Sul.

No processo de revitalização das Bandeiras do Rosário em acordo com a Comunidade do Estreito ocorreu encontros de conversas com a finalidade de planejamento e de traçar estratégias para o revitalizar das Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário. Todavia, diferente do caso das Bandeiras do Divino, as memórias estavam mais rarefeitas e não foi possível encontrar as últimas Bandeiras, como foi no caso das Bandeiras do Divino, que a bandeira vermelha foi encontrada na sacristia da Igreja e atualmente está em exposição no Museu do IHGSJN como parte de uma mostra museal de Cultura Popular.

No caso das Bandeiras do Rosário houve uma saga coletiva de rememoração e busca das últimas Bandeiras do Rosário que envolveu a rede local de Comunidades Tradicionais e Quilombolas do Município por cerca de 30 dias. As Comunidades foram mobilizadas a rememorar e a buscar encontrar com quem estava as últimas Bandeiras por meio do uso da rádio comunicação e pela comunicação via as redes locais de relações. Todavia, só foram encontradas fotografias que datam da década de 1970. A partir das fotografias, um novo fluxo de rememoração pôde ser suscitado nos encontros de conversas, até que, por consenso, se passou à etapa de confecção das novas Bandeiras para voltarem a correr em abril para a Festa de Nossa Senhora do Rosário do dia 13 de maio de 2013.



**Figura 7.** Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário na Década de 1970 – Estreito, SJN

**Fonte:** Arquivo do Museu do IHGSJN

No processo de revitalização das Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, memórias sobre a Irmandade do Rosário do Estreito também

emergiram, os livros da Irmandade foram encontrados e memórias foram revitalizadas. Contam as narrativas da Comunidade que a Irmandade adormeceu na década de 1970. Todavia, ainda viva nas memórias populares e na devoção das comunidades, mesmo diante de um fenômeno de conversão pentecostal de uma parte significativa da população local, que vive um processo de transição religiosa desde a década de 1990. Há hoje nas localidades do interior do município, mais igrejas evangélicas do que igrejas católicas.

A partir de conversas com lideranças religiosas, que atuaram desde a década de 1970 na região, percebemos que é pertinente somar ao conjunto de fatores sociais e econômicos associados a uma explicação do adormecimento das manifestações da Cultura Popular em São José do Norte, a mudança de um paradigma doutrinário na Igreja Católica Apostólica Romana, que na década de 1970 passou por uma profunda transição entre a doutrina devocional e a doutrina social. As práticas devocionais, antes incentivadas pelos sacerdotes católicos, passaram mediante interpretações por parte de alguns padres, a ser reprimidas e desencorajadas.

O processo de reconstrução de memórias coletivas para fins de revitalização, a pesquisa-ação possibilitou vivências e ações que permitiram entender melhor o fenômeno dialógico da memória social, permitindo observar os tensionamentos cotidianos entre lembranças e memórias. Refletindo sobre o papel do desejo da comunidade em rememorar coisas do passado para um determinado fim, bem como sobre o desejo de lembrar com verossimilhança o passado. As observações e reflexões permitem colocar que a memória social vai sendo restaurada e reconstruída, por meio de processos dialógicos, de produção de representações e discursos.

Tal processo de tensionamento entre lembranças, muitas vezes, geraram profundas e longas discussões que se estenderam por meses e se repetiram em diversos momentos e encontros. Tensões que ganham um caráter de construção de conhecimento popular e de desconstrução de representações cristalizadas, afirmação de marcas de identidades, quando deparadas com memórias que problematizam e que fazem ressurgir questões relacionadas aos conflitos sociais do passado. Observamos que a memória coletiva tende a escamotear e a deixar em ausências, coisas que a memória popular traz a tona, retirando da amnésia e contrapondo distorções nas representações. Nesses momentos, a homogeneidade comunitária transforma-se em heterogeneidades de posicionamentos diante das narrativas e das memórias.

Ao longo das ações, pudemos entender que a memória social não é algo que está ali para ser coletada por quem pesquisa, mas é algo que está em contínua transformação e reconstrução, em um processo de tensiona-

mento entre as lembranças e memorações. De tal forma que os diálogos entre os detentores da memória foram o fundamento do processo e método de revitalização utilizado pelo Museu do IHGSJN em seu processo de produção de conhecimento institucional.

No intuito de identificar, junto às comunidades e agentes sociais locais, quais foram os motivos do adormecimento das memórias e das práticas culturais tradicionais, foi investigado o quanto as manifestações da Cultura Popular adormecidas ainda eram significativas e carregadas de emoções e sentimentos por parte das comunidades. Em seguida, passamos a uma etapa, na qual buscamos entender melhor o processo social, cultural, econômico, político e territorial envolvido.

Nesse caminho, também foi possível identificar os efeitos da cultura evangélica pentecostal que começaram a se territorializar nas localidades a partir da década de 1980, como um fator cultural com influência nos adormecimentos e mudanças sociais. Por exemplo, alguns cantadores de ternos deixaram de participar de seus grupos, pois segundo os próprios não podiam mais beber bebida alcoólica e entravam em conflito com a família, com destaque para com as esposas. Outro efeito foi na redução do número de pessoas que ajudavam na organização comunitária, organizada em torno das paróquias.

Os conflitos observados, entre religiosidade popular católica e religiosidade popular evangélica, reestruturam o espaço social das Comunidades Tradicionais e Quilombolas em São José do Norte. A organização do espaço social era centrada em um único espaço institucional para fins de organização social em escala local. O espaço social da Comunidade do Estreito passou a se deparar com novos agentes e doutrinas, o que trouxe para as localidades novas formas de sociabilidades e crenças. Observamos, portanto, um conflito cultural reestruturante, que teve efeito na cultura da Comunidade, em especial na organização comunitária, mas também na manutenção de práticas culturais e da tradição.

Ocorram rupturas na participação da totalidade da comunidade nos espaços sociais de organização comunitária. Uma parte da Comunidade diante da influência das doutrinas e teologias evangélicas em relação ao culto aos santos católicos, deixou de se envolver na organização das festas comunitárias, o que enfraqueceu a organização social em escala local. Também, observamos que mesmo as Bandeiras fazendo parte de suas referências culturais e memórias da infância e das ancestralidades das famílias evangélicas locais, houve as que solicitaram para que suas casas não fossem visitadas.

O fenômeno do êxodo rural, a partir da crise da Economia da Cebo-

la pós década de 1970 também, se destacou entre os fatores dos adormecimentos, desmantelando redes de amizades, trabalho e de vínculos familiares. O êxodo rural tardio da década de 1980 e 1990 gerou bairros precários na forma de uma periferia urbana em São José do Norte, o que permitiu novas territorialidades entre o urbano e o rural.

Hoje se encontra na periferia da cidade uma densa rede de memórias, formada por pessoas de mais idade que migraram para o urbano em busca de melhores condições de vida. Mas, que mantiveram relações e deslocamentos para as áreas rurais, em especial nos dias das festas dos Santos Padroeiros, quando estas se tornam lugares e tempos da memória social local. Também se destaca o papel dos grupos de idosos Renascer e Nortense, composto de cerca de 40 pessoas cada, participando de quase todas as celebrações do Ciclo de Celebrações aos Santos Padroeiros na rede de Comunidades Tradicionais e Quilombolas do interior do município, tendo papéis importantes no alimentar uma vívida rede de memória coletiva e de memória popular.

## **7 Estratégias de salvaguarda de manifestações típicas da Cultura Popular e questões de gênero**

Após as ações de revitalizações, podemos observar que a rede de Comunidades passou a desenvolver táticas insólitas de preservação e proteção das práticas culturais revitalizadas. O que se destacou ao nosso olhar foi o posicionamento das mulheres, que passaram a exigir direitos de participarem de rituais da Cultura Popular que, por tradição, eram tipicamente masculinos. O protagonismo das mulheres nos processos de revitalizações pôde ser observado desde os primeiros contatos, de tal modo que observamos as mulheres da Comunidade do Estreito atuando como os principais atores nos processos de revitalizações e com o protagonismo comunitário nas ações de preservação da memória e de práticas culturais ancestrais voltadas a tradição.

No ano de 2011, na Comunidade do Estreito, foi feito um primeiro ensaio de uma Corrida de Bandeiras do Divino, conduzida por mulheres da Comunidade. Contudo, no pequeno trajeto percorrido, foram acompanhadas pelos homens que estavam correndo as bandeiras naquele ano. Então, em 2012, um grupo de mulheres reivindicou e assumiu o direito de correrem com as Bandeiras, fazendo as visitas na localidade da Barrinha do Estreito. A partir de então, as mulheres do Estreito fazem parte do rito da Corrida das Bandeiras do Divino.

No caso das Cantorias de Ternos, as mulheres também assumiram um papel diferenciado. Na Comunidade da Barra, por exemplo, foi criado

um Grupo de Terno só de mulheres. Tem sido recorrente a presença de mulheres nos Ternos em funções diversas da organização desta prática artística cultural seja na gaita, no violão, no pandeiro ou mesmo como mestres. Também com protagonismo, destaca-se o papel das mulheres no incentivo e na organização de eventos de encontro de Cantorias de Terno. Nesse sentido, podemos afirmar que as mulheres têm papéis estratégicos e promovem táticas de salvaguarda da cultura imaterial de suas comunidades.



**Figura 8.** Corrida das Bandeiras do Divino, 2012  
**Fonte:** Arquivo do Museu do IHGSJN. Foto: Daniel Godoy

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas-ações, com objetivo de promover revitalizações de manifestações da Cultura Popular, foi possível entender o processo de construção e reconstrução da memória coletiva envolvida, assim como a revitalização de manifestações culturais adormecidas, para o alcance de revitalizações. Deparamo-nos com um paradigma de pesquisa com cultura e memória no qual o fundamento é o processo de diálogo, a conversa e o tensionamento entre as memórias de uma comunidade. Observamos que é a partir do tensionamento entre os diferentes lembrares, das distorções, suplementações e invenções de representações sociais e memórias que podemos entender porque os processos de rememoração são processos sociais de construção coletiva de conhecimento sobre o passado. Observamos que a produção de uma memória popular, que acontece em tensionamento com a memória coletiva. Uma dialética entre essas duas naturezas sociais da memória, foram percebidas como meio metodológico para a revitalização das manifestações da Cultura Popular na Comunidade do Estreito.

A abordagem de ações em prol da memória que emerge das forças comunitárias e do desejo da Comunidade em lembrar, não foi a entrevista, a principal ferramenta, mas os encontros de conversas entre as comunidades e grupos culturais, foram feitos acordos e se estabeleceu objetivos e estratégias comuns. Para que as estratégias de promoção da comunicação ganhassem potência de interferir de forma positiva ou negativa no processo.

Identificamos que são os debates, as discussões e as tensões que surgem a partir do conversar e do buscar lembrar o passado como forças as quais permitem que a memória coletiva seja preservada e reconstruída. Bem como, observamos que as tensões entre a memória popular, que se manifesta como uma memória crítica, que problematiza as desigualdades de poder e *status* sociais instituídos no passado, exige mudanças e subversões do lembrar e do narrar o passado.

O conceito de memória popular pode ser utilizado para reflexões e questionamentos sobre a memória coletiva, e também sobre a memória cultural produzida ao longo dos processos de revitalizações. A memória cultural produzida teve sua gênese em uma esfera institucional por meio do Museu do IHGSJN, que em sua comunicação formal, utilizou argumentos históricos e o uso da palavra escrita.

O observar das relações entre memória coletiva, memória popular e memória culturais nos processos de revitalização promovidos pelo Museu do IHGSJN possibilitou entender um pouco melhor como Comunidades Tradicionais assumem o protagonismo na salvaguarda de seus patrimônios culturais ao preservar e revitalizar sua própria cultura, quando se mobilizam para não deixar morrer suas tradições. Entre as vivências, é pertinente destacar, a necessidade de um posicionamento político da entidade e das pessoas envolvidas com a pesquisa e com a cultura local, se colocar como agentes mediadores e não como protagonistas do processo. Outra questão chave foi a pactuação do objetivo e das estratégias entre o Museu do IHGSJN e a Comunidade. Todavia, a Comunidade criou inúmeras táticas as quais lhe possibilitaram a revitalização de suas manifestações culturais.

O uso da pesquisa-ação como método de pesquisa com a Cultura Popular pode revelar aos pesquisadores envolvidos no processo, a possibilidade de se tornar sujeito, ator e agente no processo de investigação, tornando-se parte do fenômeno objeto de pesquisa em sua transformação no tempo e no espaço. Da mesma forma, a natureza da própria Cultura Popular pode ser vivenciada em sua manifestação como um processo social e dialógico que gera uma construção de conhecimentos e saberes, por meio de práticas e representações, tensionamentos e reflexões, que são preserva-

dos e reconstruídos no tempo, no espaço, nos imaginários e nas representações culturais, como obra da vida cotidiana e de uma cultura viva.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Líber Livro, 2007.
- BRASIL. Constituição da república Federativa do Brasil. Brasília: Congresso Nacional, 1988.
- DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. *Revista Estudos Históricos*, v. 3, n. 5, p. 75-92, 1990.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: CANCLINI, Néstor García *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, v. 3, 1997.
- DE CÁSCIA FRADE, Maria. EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. In: *Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore. Recife: Comissão Nacional de Folclore; São Luís: Comissão Maranhense de Folclore*, 2004. Organização: Mundicarmo Ferretti (CMF).
- DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de et al. *Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais*. 2013.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco, revisão; Cezar Mostari. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. IPHAN. *Manual de aplicação do INRC*. Brasília: MinC/IPHAN/Departamento de Documentação e Identificação, 2000.
- FOUCAULT, Michel. La gubernamentalidad. *Espacios de poder*, p. 9-26, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Rio de Janeiro: Leya, 2014.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. *Educação e pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.
- HALBWACHS, Maurice; SIDOU, Beatriz. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWM, Eric. 1. Introdução: A Invenção das Tradições. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LEFF, Enrique. Saber ambiental. Sustentabilidad, racionalidad compleji-

- dad y poder. *México editorial Siglo*, v. 21, p. 54, 2002.
- MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 16, n. 17, p. 179-200, 2014.
- NOGUEIRA, Conceição. Análise (s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. *Psicol. teor. pesqui*, v. 24, n. 2, p. 235-242, 2008.
- NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.
- PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. *Arquivos da Memória*, n. 2, p. 4-23, 2007.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 199
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, 1978.
- SERPA, Élio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*, v. 14, n. 20, p. 63-79, 1996.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. In: *Metodologia da pesquisa-ação*. Cortez, 2011.

Recebido em 14/08/2015

Aprovado em 11/11/2015